

Educação e a formação profissional

A Comissão de Assuntos Econômicos do Senado aprovou, no último dia 28 de maio, o relatório do Plano Nacional de Educação (PNE), que estabelece metas para a educação brasileira entre os anos de 2011 e 2020. O documento propõe que 10% do Produto Interno Bruto (PIB) sejam destinados às políticas educacionais e estabelece uma série de obrigações, entre elas a oferta de no mínimo 25% das matrículas de educação de jovens e adultos na forma integrada à educação profissional nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, além de triplicar as matrículas da educação profissional técnica de nível médio, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% de vagas gratuitas. Agora a matéria vai para outras comissões, antes de ser votada em plenário.

Como se vê, há uma preocupação muito grande com a formação profissional para qualificar a mão de obra e melhorar as chances do trabalhador brasileiro em busca de novas oportunidades de emprego. Historicamente, a formação do trabalhador no Brasil começou a ser feita desde os tempos mais remotos da colonização, tendo os índios e os escravos como os primeiros aprendizes de ofícios. Mas,





Benjamin Ribeiro*

hoje, a educação profissional e tecnológica assume papel estratégico no desenvolvimento do País, tornando-se imprescindível no momento em que economicamente ocupamos lugar de destaque no cenário mundial.

Cabe à educação a tarefa de acabar com as desigualdades sociais brasileiras e, nesse campo, temos uma tarefa muito grande, pois ainda permanecemos nos últimos lugares das estatísticas mundiais na área educacional. E podemos citar como exemplos vários países, como China, Coreia e Finlândia, que conseguiram sustentar e alavancar seu desenvolvimento graças aos altos investimentos feitos na educação.

Acabo de retornar de uma viagem educacional à China, aliás, a 15ª promovida pela entidade que presido, o Sieceesp, ocasião em que mais de 80 educadores tiveram a oportunidade de trocar ideias e experiências com mantenedores de escolas daquele país. Pude constatar a preocupação dos chineses com a educação e observar um fenômeno amplamente debatido por lá: o fato de os estudantes chineses optarem pelo ensino no exterior cada vez mais cedo. A maioria dos estudantes que buscava os estudos fora do

país nos anos 1980 o fazia na pós-graduação; nos anos 1990, predominaram os programas de graduação, e agora é cada vez mais alto o número de alunos que o fazem no ensino médio.

Os chineses voltam seu olhar agora para a educação infantil e já direcionam seus investimentos educacionais dos próximos dez anos para esse setor. Eles entendem que a educação infantil é a base de tudo, pois é nessa fase que se inicia o desenvolvimento humano e, por consequência, o desenvolvimento do país. E o mais importante: a China acredita realmente no poder da educação.

Portanto, nós, educadores, temos um compromisso muito sério com o nosso País: o de preparar os nossos jovens para assumir o papel de destaque no desenvolvimento da nação brasileira. Somente através da educação é que conseguiremos melhorar as condições de trabalho, alcançando assim o progresso que queremos e de que precisamos. ■

*Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino no Estado de São Paulo (Sieceesp)

benjamin@einstein24h.com.br



©Thomas Perkins/PhotoXpress